

**CAPITAL TRANSNACIONAL NA REGIÃO DO CONTESTADO: UM ESTUDO DE
CASO DA *SOUTHEM BRAZIL LUMBER AND COLONIZATION COMPANY* EM
TRÊS BARRAS (SC)¹**

*Soeli Regina da Silva Lima*²

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito discutir questões referentes a produção do espaço urbano, do município de Três Barras (SC), decorrente da ação da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* no início do século XX, através da sua *company town*, bem como do impacto causado à população local, no que se refere aos aspectos socioculturais. Para tanto é focalizada a análise do empreendimento situando-o no cenário histórico e econômico da época. Outro ponto de interpretação está voltado às relações de produção da serraria, visto que, numa sociedade em que, até então, as relações de trabalho eram desconhecidas, os sujeitos menos favorecidos passaram a ter novas modalidades de controle: dos capangas dos coronéis para o controle do corpo de segurança da serraria.

Palavras-chave: *Lumber. Company town. Exploração madeireira. Capital transnacional.*

**TRANSNATIONAL CAPITAL IN THE CONTESTADO REGION: A CASE STUDY
OF SOUTHERN BRAZIL LUMBER AND COLONIZATION COMPANY IN TRÊS
BARRAS (SC)**

ABSTRACT

The aim of the present work is to discuss questions referring to the urban space production in the city of Três Barras (SC), due to the Southern Brazil Lumber and Colonization Company's action in the beginning of the XXth. Century, through its company town, as well as the impact caused to the local population, concerning the socio-cultural aspects. Therefore it is focused the enterprise analysis, placing it in the historical and economical scenery of the time. Another point of interpretation is turned to the sawmill production relations, once in a society where up to that time, the work relations were unknown, the less favored subjects started to have new control modalities: from the Colonels henchmen for the sawmill security control.

Key-words: *Lumber. Company town. Timber exploration. Transnational capital.*

¹ Este artigo foi elaborado para apresentação no *Simpósio sobre o Centenário do Movimento do Contestado: História, Memória, Sociedade e Cultura no Brasil Meridional, 1912 – 2012* (Florianópolis-UFSC-29/05 à 01/06-2012).

² Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (2007), Especialização em História do Brasil e Graduação em História. Professora na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (FAFIUV). E-mail: soeli8@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

O início do século XX foi marcado por grandes transformações na sociedade brasileira. No regime político, a passagem da monarquia constitucional para o sistema republicano; no modo de produção, com o final do sistema escravocrata e início do modelo industrial que implicava em novas relações trabalhistas; nas relações sociais com o avanço da imigração a cultura europeia e asiática se fez presente de forma acentuada alterando os padrões culturais até então preestabelecidos. Estes fatores somados ao coronelismo vigente e ao misticismo religioso tiveram um impacto maior no interior. A população brasileira manifestou sua insatisfação através de movimentos sociais urbanos e rurais. No que se refere aos rurais podemos citar a Guerra do Contestado.

O objeto de nosso estudo é o capital transnacional na região do Contestado, que de forma direta e indireta representou o avanço capitalista onde a modernidade se fez presente modificando o cotidiano do sertanejo ali instalado, apresentando novos padrões de convívio social, alterando a ordem preestabelecida, sendo ainda considerado um dos fatores desencadeadores da Guerra do Contestado.

Sua trajetória iniciou com Percival Farquhar, empreendedor norte-americano, que, além de inúmeros outros investimentos realizados nas Américas, criou em 12 de novembro de 1906, nos Estados Unidos, a *Brazil Rawail Company*, assumindo a construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande. Sendo ele um visionário econômico, ampliou seus investimentos³ criando duas subsidiárias a *Brazil Development and Colonization Company*, para povoar as terras devolutas recebidas na construção da estrada de ferro e a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*⁴, que obteve autorização para instalar serrarias.

CAPITAL TRANSNACIONAL NA REGIÃO DO CONTESTADO: A MODERNIDADE SE FAZ PRESENTE

A inserção do capital transnacional, e, conseqüente modernidade na região do Contestado teve início com a construção da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande. A *holding* do *Trust of Toronto* comprou o controle acionário da Cia. Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG) que, por sua vez, já havia adquirido o controle da organização anterior instituída pelo engenheiro Teixeira Soares, que recebeu do governo brasileiro a “concessão que permitia interligar todo o Sul do Brasil. Além de terras no Paraná e em Santa Catarina, numa extensão de 6 milhões de acres, para fins de colonização” (SINGER, 1997, p. 381).

³ Mais informações sobre os empreendimentos criados por Farquhar, ver Gauld (2006).

⁴ Farquhar criou a *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*, com base no Decreto nº 7.426, de 3 de junho de 1909, modificado pelo Decreto nº 10.058, de 14 de fevereiro de 1913 (Diário Oficial, 23 de fevereiro).

A concessão inicial da Estrada de Ferro Itararé-Santa Maria, feita pelo governo imperial pelo Decreto nº 10.432, de 9 de novembro de 1889, doava 30 quilômetros de cada margem dos dormentes. Essa concessão foi renovada pelo governo provisório da República, por Decreto de 7 de abril de 1890, segundo o qual a doação de cada margem seria de no máximo 15 quilômetros, tendo, no conjunto da extensão, um domínio médio de 9 quilômetros por margem (MACHADO, 2004, p. 143).

Mapa 1 – Mapa situando a Região do Contestado e o traçado da ferrovia São Paulo-Rio Grande, atravessando a região em referência



Fonte: <http://www.google.com.br/>

Por outro lado, além da ferrovia, merece destaque no que tange ao impacto da modernidade na região, a presença da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, conhecida popularmente na região como *Lumber*. O embrião da *Lumber* esteve voltado à construção da estrada de ferro São Paulo- Rio Grande. A concessão do empreendimento teve como parte do pagamento o direito de exploração madeireira.

Para explorar tamanha riqueza, a empresa, construiu na cidade de Três Barras⁵ uma serraria (Ver Mapa de localização).

Em 1910, Farquhar comunicou o término da primeira serraria na estação de Calmon, 47 quilômetros ao sul do rio Iguaçu, com capacidade de produzir 4,7 metros cúbicos por hora, destinados ao uso local ou ao embarque para São Paulo. Mais tarde, uma serraria foi construída em Jaguaraíva, no Paraná. Em novembro de 1911, a serraria principal, no meio de 80 hectares reservados para a secagem e armazenamento de

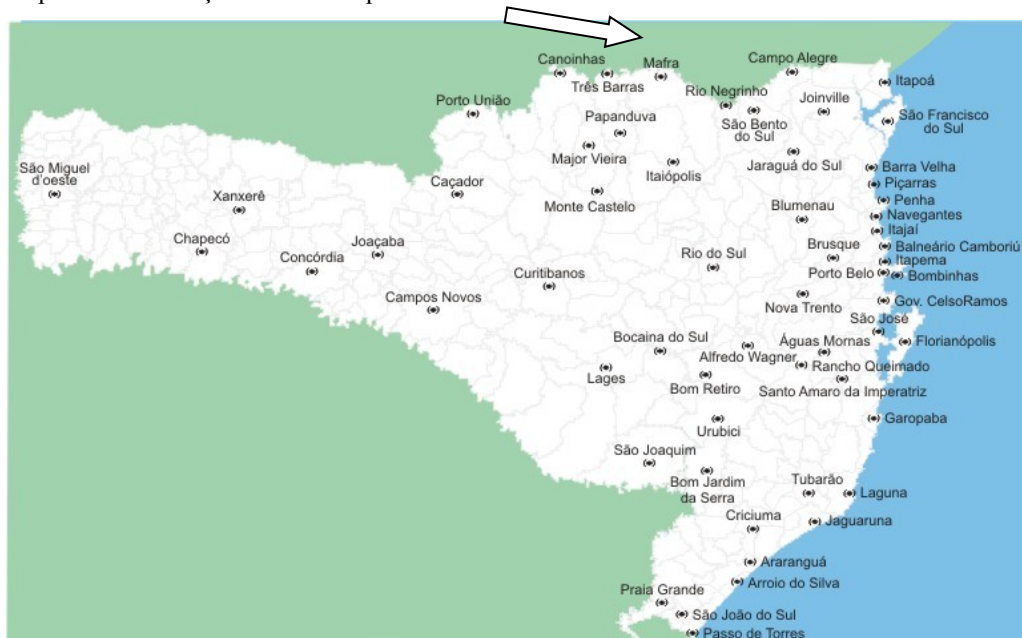
⁵ Três Barras localizava-se em terras contestadas que eram administradas pelo Paraná e que, com o Acordo de Limites de 1916, passaram à administração catarinense

madeira, começou a operar com parte de sua capacidade, que era de 470 metros cúbicos por dia (GAULD, 2006, p.280).

Representando o avanço da ordem capitalista, sobre a região, a *Lumber* além de explorar as terras recebidas na concessão adquiriu outras, “apenas a família Pacheco vendeu mais de 16 mil hectares de terras à *Lumber* em Três Barras” (MACHADO, 2004, p.143). Desta forma ela “chegou a somar ali 180 mil hectares, responsáveis pela constituição, em Três Barras, da então maior serraria da América do Sul” (AURAS, 1995, p.100). Ver no Mapa 2, a localização de Três Barras.

A serraria principal, que raramente funcionava a plena capacidade chegou a ter 800 funcionários em algumas ocasiões. Farquhar preferia os de ascendência alemã ou recém-chegados de outros países europeus, que tinham mais escolaridade e eram mais confiáveis. Eles trabalhavam em turnos de dez horas diárias. A energia era gerada por uma usina a vapor com capacidade de 1.200 cavalos (GAULD, 2006, p.280).

Mapa 2 – Localização dos Municípios de Canoinhas e Três Barras no Estado de Santa Catarina



Fonte: Santa Catarina (2011)

Como podemos constatar era a modernidade inserida na região. Modernidade esta compreendida como:

Em um sentido geral, a modernidade se opõe ao classicismo, ao apego aos valores tradicionais, identificando-se com o racionalismo, especialmente quanto ao espírito crítico, e com as idéias de progresso e renovação, pregando a libertação do indivíduo do obscurantismo e da ignorância através da difusão da ciência e da cultura em geral (JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p.185).

Essa modernidade aplicada nas relações sociais teve por parte do inglês Herbert Spencer⁶ (1820-1903) a idéia de que grupos e sociedades evoluem através do conflito e da competição, uma análise conhecida como Darwinismo Social, onde ele aplica o

⁶ Apud Durant (2001).

evolucionismo de Charles Darwin, na sociedade, justificando as alterações sociais ocorridas com a modernidade. No que se refere às necessidades de consumo e consequente regulação do modo produtivo, Spencer apontou a competição dos homens para a sobrevivência e a necessidade de um poder de equilíbrio para manter a ordem. Na região em estudo esta competição acabou por desencadear a Guerra do Contestado.

No que tange a região de influência do capital transnacional, via *Brazil Railway Company*, podemos afirmar que nem todos tinham acesso a essas transformações. A lógica da modernidade excluiu o sertanejo, que se viu alheio ao progresso e sem conseguir compreender o valor que estava sendo embutido à ele pela elite local.

A separação entre tempo e espaço, esteve representada no rompimento de laços com a terra, com a expulsão do sertanejo do seu espaço para exploração madeireira. Na questão temporal, para aqueles que viviam embrenhados na mata das araucárias era inconcebível realizar em tão pouco tempo distancias até então percorridas a lombo de mulas e cavalos. Outras mudanças da modernidade estavam relacionadas aos novos padrões sociais adotados pela elite coronelística, alterando o padrão de consumo, inserindo novos objetos e modismos na região, criando, assim certo distanciamento entre categorias sociais. O capital transnacional alterou as relações econômicas, sociais e culturais na região, com a estrada de ferro e a serraria, alterando o fluxo de informações, de pessoas e do comércio.

LUMBER, COMPANY TOWNS E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

O avanço do capitalismo, no início do século XX, e consequente crescimento das grandes corporações, conduziu a transnacionalização produtiva, o que exigiu infraestrutura adequada à reprodução do capital. As corporações passaram a criar espaços próprios diante da necessidade de grande mobilidade do capital e da força de trabalho, necessários para dar suporte aos empreendimentos. A partir desta perspectiva surgiram as *company towns* (cidade-empresa)⁷, capazes de reduzir custos, integrando os trabalhadores em posições hierárquicas, aumentando a eficiência da produção, criando condições de atrair mão-de-obra.

A primeira associação que se fez à *company towns* foi a de “minicidade”, na qual um conjunto de equipamentos comunitários incluindo habitações, edifícios de pequeno comércio, escolas, hospitais e áreas de lazer pertenciam a uma companhia e onde era exercido o controle sobre as entradas e saídas de pessoas, configurando um núcleo urbano fechado.

[...] a racionalização da dinâmica urbana nas *company towns* é aqui encarada como meio de viabilizar e garantir a finalidade maior dos empreendimentos a que estão associadas, ou seja, viabilizar a realização econômica do empreendimento, pois a idéia de *company towns* demonstra ser uma continuidade da unidade produtiva, tanto na relação econômica quanto nas relações sociais, tendendo a configurar-se como parte de um modelo produtivo (RODRIGUES, 2002, p.114).

⁷ *Apud* Lima (2007).

Talvez isso ajude a entender por que a maioria das *company towns* é associada à imagem do progresso, da modernidade, na região onde estão sendo instaladas. Ela acompanha a ideia da industrialização com a de crescimento econômico e desenvolvimento local. Estas *company towns*, de acordo com a área que ocupam acabam por interferir nos aspectos urbanísticos, econômicos e sociais da cidade em que são implantadas.

Garcés (2003) ao fazer suas pesquisas sobre as *ciudades del cobre*, no Chile, com base nos assentamentos construídos ao longo do século XX por empresas internacionais, delimitou quatro casos relacionados a *Corporacion del Cobre -CODELCO*. Propôs ainda que estes novos assentamentos instalados fossem herdeiros contemporâneos e sucessores das *company towns*. Relata em seu trabalho que o surgimento das mesmas teria acontecido na Europa e nos Estados Unidos, acompanhando o capitalismo emergente, com o objetivo de maior concentração de capital e do trabalho, como um mito do capitalismo de sociedade perfeita a serviço da produção. Quanto a sua relação com a urbanização destaca que:

[...] las *company towns* se instalan en la historia del urbanismo como una manufactura urbana organizada por un proyecto de ingeniería y arquitectura que formaliza y distribuye las edificaciones del área industrial, los equipamientos y la residencia, en un conjunto que alcanza una organización física, productiva y social. El modelo es adecuado a una función productiva principal como es la explotación de materias primas y la manufactura industrial, al mismo tiempo que funcional a la modelación de un grupo social excluido de otras actividades y manifestaciones urbanas que aquellas que le entrega la compañía (GARCES, 2003, p.132).

Em Três Barras a modernidade se fez presente pela *company town* da *Lumber*. Esta foi criada nas proximidades da estação ferroviária, com toda a infraestrutura necessária, que vieram por dar base para a atual configuração espacial urbana da cidade.

Foram projetados, tanto os espaços internos da serraria, como: casa das máquinas, almoxarifado, campo de futebol⁸, escritório⁹, armazém, cinema, hospital, casas residenciais, como os externos: cemitério, campo de aviação e traçado de ruas de Três Barras.

Visando atender as necessidades básicas de seus funcionários foi construído um núcleo urbano, com aproximadamente 214 residências, nas proximidades da serraria. Algumas das residências dispunham de água encanada, energia elétrica, aquecimento central e água quente, provenientes das caldeiras, que moviam a serraria. Desta forma acontecia o controle, mesmo que indireto do patrão, sobre seus subordinados, inclusive nas atividades para além do processo produtivo.

As transformações locais ocorreram pela inserção da cultura norte-americana na região, tanto nos aspectos físicos (edificações), como nos de cunho social. A sociedade local precisou adaptar-se em duas situações: a primeira foi o próprio impacto da modernidade através da industrialização presente e a segunda aos novos hábitos culturais, tais como: cassino, cinema, comemorações festivas, tênis de quadra. Essa constatação permite reiterar que o impacto do “estranho” foi redefinindo as relações sociais e espaciais.

⁸ Foi um dos primeiros campos de futebol com sistema de drenagem da região sul do Brasil. O mesmo foi denominado “Estádio Artur Ferreira Ribas”, inaugurado em 1918.

⁹ Atualmente o espaço serve de escritório da sede do CIMH- Campo de Instrução Marechal Hermes.

Outro aspecto, que merece atenção, é o que diz respeito à produção espacial urbana. Analisando o mapa, elaborado pela *Lumber*, no ano de 1923, com o projeto da área urbana de Três Barras, observamos que o traçado das ruas seguiu o modelo inglês, com “becos” para entrada e saída de cargas, nas proximidades de uma área de 924.000 m², de propriedade da *Lumber*, onde estava localizada a serraria. Quanto à evolução das ruas, da área central de Três Barras, entre 1923 e 2008, das 16 ruas projetadas pela *Lumber*, sete tiveram seus nomes alterados, outras quatro foram criadas e apenas uma foi extinta, ou seja, o traçado adotado, no ano de 1923, passou pelo mínimo de alterações.

Todo este projeto conduziu alterações nas atividades econômicas e sociais. Além de explorar os ervais nativos¹⁰, das terras recebidas, na concessão ou posteriormente adquiridas, a *Lumber* também comprava a erva mate, de atravessadores locais, e, através de seus próprios ramais ferroviários, obtinha baixos custos de transporte, proporcionando-lhe vantagem sobre os empresários locais. Havia na cidade: fábrica de caixas, de gelo, de cigarro, casa bancária, casas comerciais de grande porte, clubes, escola polonesa, colégio de internato, restaurante típico, hotel, cassino, cinema. Uma data de destaque era a das comemorações realizadas no dia da independência dos Estados Unidos da América, onde era declarado feriado, com festividades envolvendo os trabalhadores da serraria e convidados de outras localidades. Para Auras (1995, p.42), “na circunvizinhança da serraria formou-se uma pequena cidade, na qual, todos os anos, a 4 de julho, via-se flutuar bandeiras estreladas dos Estados Unidos”. Era a imagem do progresso instalada na região.

DO PODER DOS CORONÉIS PARA O PODER DO CAPITAL: NOVAS RELAÇÕES SOCIAIS E DE PRODUÇÃO NA REGIÃO DO CONTESTADO

A recém instaurada República brasileira conviveu por um longo período com as vicissitudes do coronelismo vigente. Coronelismo compreendido como “feudos políticos que se transmitiam por herança - herança não configurada legalmente, mas que existia de maneira informal” (QUEIROZ, 1981, p. 155).

Leal (1997) ressalta que a força do coronel comandava uma gama de votos de “cabresto”, que lhe conferia prestígio político, coroado pela situação econômica e social de donos de terras. Na esfera de influencia social, substituiu importantes instituições sociais, exercendo, ainda, ampla jurisdição sobre seus dependentes, compondo rixas e desavenças e proferindo, às vezes, verdadeiros arbitramentos que os interessados respeitavam. Em suas mãos, com ou sem caráter oficial, poderiam estar funções policiais, com o auxílio de empregados, agregados ou capangas. Para o “roceiro” o coronel era um homem rico, ainda que não o fosse; rico em comparação à sua pobreza. E, ainda, era aquele em que ele procurava ajuda nos momentos de dificuldades, comprando “fiado” em seu armazém para pagar com a colheita, ou pedindo dinheiro emprestado, nas mesmas condições, para outras necessidades. Completamente analfabeto, ou quase, sem assistência médica, não lendo jornais, nem revistas,

¹⁰ Análise realizada por Tomporoski (2006), através dos relatórios mensais da *Lumber* de abril de 1917. Ela possuía dois “vapores”: o “Três Barras” e o “Porto Velho”, de médio porte, que faziam o transporte da produção extraída.

o trabalhador, a não ser em casos esporádicos, teve o coronel como benfeitor. Ele representou a mediação, ou seja, era aquele que poderia esclarecer os ditames das novas instituições criadas com o avanço do capitalismo sobre a região.

Essa visão de benfeitor foi consagrada por seu desvelo pelo progresso, no interesse e participação na construção de estradas, correio, telégrafo, ferrovia, igreja, posto de saúde, hospital, clube, luz elétrica, entre outros, como também da indicação de nomes para ocupar os cargos públicos. Com as realizações de utilidade pública ele construiu e manteve sua liderança local, numa prática estruturada pelo sistema eleitoral.

O coronel mantinha seu poder através das relações de compadrio diminuindo com estas as distâncias sociais. “O compadre recebe e transmite homenagens, de igual para igual, comprometido a velar pelos afilhados, obrigados estes a acatar e respeitar os padrinhos”. (FAORO, 2001, p. 714). Transferindo esse compromisso para as eleições, “o eleitor vota no candidato do coronel não porque teme a pressão, mas por dever sagrado, que a tradição amolda. De outro lado, não se compra o voto, ainda que transformado em objeto comercial, só é possível a barganha entre pares livres, racionalmente equivalentes” (FAORO, 2001, p. 714).

A região do Contestado não diferiu deste contexto muitos foram os coronéis¹¹ que mantiveram estas relações de poder. Com a chegada do capital transnacional o cenário foi sendo alterado e acompanhando o novo sistema produtivo da exploração madeireira as relações sociais, culturais também sofreram as vicissitudes do processo.

O coronel não foi excluído do processo, foi aliado e compactuou com as medidas adotadas pelo grande capital transnacional. A estrada de ferro beneficiou estes, que tiveram alterações substanciais em seu padrão de vida, podendo adquirir bens de consumo, até então desconhecidos pela grande maioria, com a facilidade de circulação de bens, pessoas e informações. Eles passaram a ter acesso de forma mais rápida aos padrões de vida urbana que seus pares, a nível financeiro, já o tinham, tais como: mobiliários, utensílios domésticos sofisticados, tecidos de melhor qualidade, produtos alimentícios diferenciados, entre outros benefícios que o transporte ferroviário lhes permitia. Todas essas alterações tornaram, para o sertanejo, menos favorecido, mais visível as desigualdades sociais, entre eles e os coronéis da região.

Somados as mudanças acima descritas, podemos acrescentar a aliança entre o poder dos coronéis com a *Lumber* no que se refere à posse de terras. Quando o sertanejo foi espoliado da sua terra deixando de ter apoio daqueles que ora eram seus provedores (os coronéis), estes, passaram a viver num clima de insegurança, sem uma referência de poder. Já para aqueles que foram inseridos no novo modelo produtivo, trabalhando na *Lumber* ocorre a transferência de poder. Até então os coronéis garantiam a sua subsistência e mesmo eram a marca de possíveis benfeitorias na região. Com a *Lumber* estas atividades passaram para a ação do capital transnacional. A questão trabalhista, quanto aos horários, salários, direitos e deveres estava na ordem do dia, na realidade sertaneja de forma mais acentuada.

¹¹ *Apud* Thomé (2002).

DAS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DOS TRABALHADORES

No que concerne a origem dos trabalhadores da *Lumber*, os primeiros diretores foram, os americanos, Ernesto Bishop, Henry Weimaster e Jaime Bishop. Quanto aos demais trabalhadores “analisando as folhas de pagamento de 1912 da *Lumber*, verificamos que, dentre os 400 empregados permanentes 20% possuíam nomes luso-brasileiros; 50% de origem polonesa ou ucraniana; e 30% de caboclos, para corte e transporte de toras” (MACHADO, 2004, p. 143).

De acordo com Tomporoski (2006), no ano de 1915, o número de trabalhadores empregados, no processo de beneficiamento da madeira, era de seiscentos e quinze, além de registrar os trabalhadores das matas, contratados em vias de regras por empreitadas, bem como os relacionados nas atividades do porto, cinema, fábrica de gelo, segurança, etc.

Quando em 1943 a serraria estava incorporada a União, no final de suas atividades, de acordo com seus registros de 11.05.1943, ela contava com 809 funcionários. Destes 127 eram naturais da Europa, 02 dos Estados Unidos da América (diretores) e possuía ainda 678 com naturalidade brasileira (grande maioria de Santa Catarina e do Paraná).

O espaço de produção nas matas diferia daquele apresentado na área da serraria. Os acampamentos eram usados no trabalho realizado nas matas. Com o esgotamento da madeira para corte, estes eram transferidos, assim a ideia de “casas rancho”,¹² transportada por trem foi a opção adotada. Nestes acampamentos havia bodega, armazém e salão de baile improvisado. Eles não se mantinham de total isolamento da cidade.

Observando os títulos dos troféus, pertencente ao acervo do Museu Municipal de Três Barras, constata-se a vinculação do esporte a serraria, tais como: “Taça Presidente, oferecida pelos senhores Ernesto O. Bishop e Hugo W. Kenedy, presidentes perpétuos do esporte Club 7 de setembro de 1940”.

Mas é preciso destacar outro aspecto de relevância, quanto ao fluxo de produção, realizado pela serraria. De acordo com o documentário “Um pé de que?”, do Canal Futura, com Regina Casé, enquanto a floresta amazônica produzia 200 toneladas por hectare a floresta de araucária produzia mais de 500 toneladas. Num comparativo em relação à construção de casas, da floresta amazônica podem ser construídas 42 casas com um hectare, já da floresta das araucárias, mais que o dobro, em torno de 100 casas.

A fundamental razão, para gigantesca exploração madeireira era justificada pelo fato do trabalho ser mecanizado.

A Lumber construía ramais ferroviários que adentravam as grandes matas, onde grandes locomotivas com guindastes e correntes gigantes de mais de 100 metros arrastavam para as composições de trem as toras, que jaziam abatidas por equipes de turmeiros que anteriormente haviam passado pelo local (MACHADO, 2004, p.151).

¹² Produção da Botelho Filmes, de 45m, de 1923. Fita original de 13mm, com legendas em espanhol, se encontra depositada na Cinemateca Guido Viaro, da Casa da Memória, em Curitiba.

Quanto ao transporte, usado para exportação, Queiroz (1981) relata que a *Brazil Railway* construiu uma estrada de ferro entre União da Vitória-PR e São Francisco-SC e de que para atender as conveniências do Paraná, houve uma equiparação de fretes e, por um caminho mais longo e sinuoso, as tábuas seguiam para o Porto de Paranaguá.

No que tange a produção diária “Ali eram serrados diariamente 300 metros cúbicos de madeira e, em dez horas de trabalho, cortavam-se 1.050 dúzias de tábuas” (QUEIROZ, 1981, p. 84). Para manter a estrutura do empreendimento “[...] uma bateria de caldeiras a vapor movia quatro geradores, que totalizavam 2.275 HP. De forças suficientes para as máquinas de serrar, para a fábrica de barricas, de gelo, fábrica de compensados e para a luz elétrica na sede” (THOMÉ, 1995, p.54). Thomé (1995) conclui, por informações e estimativas, que nos seus 40 anos de funcionamento a *Lumber* deve ter cortado mais de 15 milhões de pinheiros na região do Contestado, além de imbuías, cedros, canelas e perobas.

Quanto ao processo produtivo madeireiro, na época em estudo, era comum o grande número de acidentes de trabalho, o que gerava uma série de transtornos nas relações trabalhistas. Tomporoski (2006) acompanhou a trajetória dos funcionários que ocuparam o referido cargo, através da análise de processos crime, envolvendo acidentes de trabalho, e concluiu que no decorrer dos anos não houve alteração no padrão de atuação dos mesmos. Existia um protocolo, a ser seguido, quando da ocorrência de acidente no trabalho, onde a companhia por intermédio de seu encarregado comunicava o ocorrido ao subdelegado de polícia de Três Barras. Na sequência, após receber a notificação, o subdelegado identificava as causas alegadas pela companhia e conduzia a investigação, ouvindo as testemunhas. Este trâmite era necessário, pois a *Lumber*, necessitava da participação de autoridades com legitimidade perante a comunidade. A participação do médico da *Lumber* era de extrema valia. O nome de destaque foi do Dr. Oswaldo de Oliveira¹³, o qual foi alvo de protestos dos trabalhadores na greve de 1919.

Aconteceram duas greves na *Lumber*, no ano de 1919, dentre os principais motivos podemos destacar: por aumento de salário, de melhores condições de segurança no trabalho e da diminuição da jornada de trabalho para 8 horas diárias. Neste contexto, alguns fatores favoreceram a organização dos trabalhadores. Num primeiro plano estava a questão das comunicações.

Sob ponto de vista das informações escritas a partir de 1908, Canoinhas, já contava com a circulação de jornais. Em Três Barras, Distrito de Canoinhas, onde se localizava a sede da *Lumber*, no mês de abril de 1918, foi fundado o jornal “Liberdade”, tendo como relator Dídio Augusto, com matérias que davam ênfase a causa dos trabalhadores.

No período da greve Dídio Augusto, ex-prefeito de Três Barras, enquanto município do Paraná, por defender a causa trabalhista frente à *Lumber* foi preso e deportado para São Francisco do Sul, após ele discursar a favor da causa trabalhista. Chegando àquela cidade foi

¹³ De acordo com Tomporoski (2006), ele foi delegado da higiene de Canoinhas, e Intendente de Três Barras, na década de 1910. Filiado ao Partido Republicano Catarinense, foi Deputado Estadual entre 1919 e 1921 e entre 1925 e 1927. Reeleito em 1926 de forma paralela a prefeitura de Canoinhas, a pedido do Governador de Santa Catarina, no período de 1926 a 1930. Ainda foi eleito vereador de Canoinhas, como representante do Distrito de Três Barras em 1947. No seu segundo mandato, em 1951, devido à morte do prefeito de Canoinhas, Otávio Tabalipa, assume a prefeitura.

solto sob a condição de não mais retornar a Três Barras. Didio Augusto (1994) retrata como fato marcante de sua vida:

Por ter feito um discurso veemente em favor dos operários em greve (1919), quando de passagem por Três Barras (eu morava em Rio Negro), fui preso em Canoinhas, tendo a cidade por mensagem até o dia seguinte, quando fui escoltado por soldados embalados (viagem feita num carro tirado por dois cavalos) para a cadeia de Três Barras (onde fui prefeito eleito e reeleito). No dia seguinte, ainda escoltado por praças embaladas, sob o comando de um sargento, fui conduzido para a cadeia de São Francisco do Sul. Assim passei quatro dias, perturbado no meu direito de ir e vir, e quatro noites, literalmente sem dormir, mas sem ficar abatido. (Nota: O presente auto-retrato foi escrito pelo autor antes do ano de 1953).

Sua prisão repercutiu na imprensa de Curitiba, como mostra o jornal *Gazeta do Povo*:

Telegrama recebido de São Francisco científica-nos que a prisão de *Didio Augusto* foi promovida pela *Lumber Company*, a cujos manejos serve a política catarinense. *Didio Augusto* patrocina, contra aquele poderoso sindicato, uma ação cível e, para afastá-lo de Três Barras, onde o ilustre paranaense tem o centro da sua atividade, a *Lumber* promoveu a sua prisão em São Francisco. Solto naquela cidade, por ordem do chefe de polícia, foi-lhe imposta, entretanto, a condição de não mais voltar a Três Barras (GAZETA DO POVO, 09/06/1919).

Além deste episódio houve prisões de líderes e trabalhadores. Assim os operários são silenciados através da repressão, uma prática comum no contexto histórico em que estavam inseridos.

Todo esse cenário, na região, era acompanhado de constantes cenas de violência, uma prática corriqueira, nas relações interpessoais, devido aos hábitos culturais ali impregnados. O “andar armado” era próprio do homem da região. Somados a este fator a questão da Guerra do Contestado, aumentava o clima de violência na região. “A serraria da *Lumber* que promovia a devastação dos pinhais da região de São Roque (Calmon) foi arrasada em setembro de 1914 pelos caboclos, que incendiaram inclusive os depósitos de madeira e a estação ferroviária” (THOMÉ, 1995, p.55).

Talvez isso ajude a entender os objetivos da *Lumber*, de manter organizado seu “corpo de segurança”, com intuito de disciplinar e manter a ordem. Machado (2004) relata de que enquanto o estado de Santa Catarina contava com 280 homens no seu regimento de segurança, incluindo banda de música, oficiais e guardas dos prédios públicos da capital, a *Lumber* possuía mais de trezentos homens.

Daí concluir que, numa sociedade em que até então as relações de trabalho eram desconhecidas, os sujeitos menos favorecidos passaram a serem submetidos a novas modalidades de controle. Dos capangas dos coronéis para o controle do corpo de segurança da serraria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O historiador deve ter a preocupação de analisar o seu objeto de estudo situando-o no tempo e no espaço. Assim no que se refere a presença do capital transnacional, na região do Contestado, podemos afirmar que ele representou o avanço do capitalismo, no início do século XX, trazendo consigo a modernidade para a região do Contestado. Novas atividades produtivas, sociais e mesmo culturais foram sendo desenvolvidas. Em Três Barras, as marcas deste processo, ainda, se fizeram presentes na configuração do espaço urbano, não apenas pelo traçado das ruas, mas também pelo patrimônio edificado da *Lumber*, hoje pertencente ao Campo de Instrução Marechal Hermes.

Usando da teoria de Spencer, sobre o darwinismo social, podemos afirmar que o mesmo ocorreu na região. Os menos favorecidos foram excluídos do processo e quando tentaram inserir-se não tiveram as mesmas oportunidades, reagiram em diferentes segmentos, nas relações de produção, para aqueles que trabalhavam na *Lumber*, promovendo greves, e na busca de uma nova forma de proteção, capaz de garantir a sua identidade social e cultural, através do misticismo religioso, que não fez parte de nosso estudo, atingindo o ápice do movimento, com a eclosão da Guerra do Contestado.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Dídio. *In Memoriam*. União da Vitória: Uniporto- Gráfica e Editora., 1994 (Coleção Vale do Iguaçu).

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da irmandade cabocla. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. 3. ed. São Paulo: Globo, 2001.

GAULD, Charles A. **Farquhar o último Titã**: um empreendedor americano na América Latina. São Paulo: Editora da Cultura, 2006.

GARCÉS, Eugenio. Los campamentos de la minería del cobre em Chile (1905-2000). **Revista Eure**, Santiago de Chile, v. 29, n. 88, pp. 131-148, dic. 2003.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

GAZETA DO POVO, Curitiba, 09 jun. 1919.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MACHADO, Paulo Pinheiro Machado. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas-SP: UNICAMP, 2004.

QUEIROZ, Maurício Vinhais de. **Messianismo e conflito social**: a guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916. São Paulo: Ática, 1981.

RODRIGUES, A M. Desvendando formas e conteúdos: o núcleo urbano de Carajás. In: TRINDADE JUNIOR, S. C. da; ROCHA, G. de M. (Org.) **Cidade e empresa na Amazônia**: gestão do território e desenvolvimento local. Belém: Ed. Paka-Tatu, 2002.

SANTA CATARINA. **Turismo**. Disponível em: <<http://www.sctur.com.br>>. Acesso em: 29 nov. 2011.

SINGER, Paul. O Brasil no contexto do capitalismo internacional 1889-1930. In: CARDOSO, F. H. et al. **O Brasil Republicano**: estrutura de poder e economia (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997 (História Geral da Civilização Brasileira; v. 1. t. 3).

THOMÉ, Nilson. **Ciclo da madeira**. Caçador: Imprensa Universal, 1995.

TOMPOROSKI, Alexandre. **O pessoal da Lumber**: um estudo acerca dos trabalhadores da Southern Brazil Lumber and Colonization Company e sua atuação no planalto norte de Santa Catarina, 1910-1929. Florianópolis, (Mestrado em História)- UFSC, 2006.

OBRAS CONSULTADAS

DURANT, Will. **A filosofia de Herbert Spencer**. Trad. Maria Theresa Miranda. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint Ltda, 2001.

THOMÉ, Nilson. **A política no Contestado**: do curral da fazenda ao pátio da fábrica. Caçador: UNC/ Museu do Contestado, 2002.

LIMA, Soeli Regina. **Capital transnacional na indústria da madeira**: *company towns* e a produção do espaço urbano em Três Barras (SC). Curitiba: UEPR, 2007 (Mestrado em Geografia).

Artigo recebido em: 25/05/2012

Artigo aprovado em: 31/07/2012